

# **Bakunin e a Gênese Histórica da Idéia de Divindade na Consciência dos Homens**



**Autor: Jonathan Fonseca dos Santos Nascimento**

São Paulo, Novembro de 2014

## **Bakunin e a Gênese Histórica da Idéia de Divindade na Consciência dos Homens**

Bakunin and the historical genesis of the idea of divinity in the consciousness of Men

**Jonathan Fonseca dos S. Nascimento**<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar a maneira como o pensador revolucionário russo M. Bakunin (1814-1876) explica a origem da ideia de divindade na consciência dos homens, e o modo pelo qual o autor diz que teria surgido as tradições religiosas na remota antiguidade, em que contexto isto teria ocorrido, quais as condições em que o homem se encontrava e os desdobramentos históricos dessas crenças. Ao longo da exposição, vemos como foram algumas das principais mutações durante a história da humanidade da crença em divindades e religiões, até o momento de vermos a influência desta última sobre a moral da sociedade e o que conhecemos como o pensamento universal, que provém da filosofia. Por fim, temos as considerações de Bakunin sobre em que consiste toda religião, ou doutrina religiosa. Este texto é a primeira parte de um trabalho em andamento<sup>2</sup>, que será compilado no futuro com sua continuação formando um livro.

**Palavras-chave:** ateísmo militante, religião, sentimento religioso, idéia de divindade.

---

<sup>1</sup> (1991-), nasceu na cidade de São Paulo e é graduado em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (SP). Especialista em Bakunin, defendeu a tese de iniciação científica intitulada “Bakunin e a gênese da ideia de divindade na consciência dos homens”, a qual também apresentou no “Colóquio Internacional Bakunin e AIT” em Novembro de 2014. Desenvolveu outros textos paralelos (ainda não publicados) esses outros escritos são intitulados “O problema histórico da Educação e a instrução integral em Bakunin” (2013), e “Estado a própria negação da humanidade” (2014). Ambos foram apresentados em outras ocasiões, em outros simpósios

<sup>2</sup> Ver em “Nota do autor”.

## **Sumário**

1- Bakunin: do evolucionismo ao ateísmo militante .....	p. 04
2- A origem do sentimento religioso, a criação das divindades .....	p. 07
3- O fetichismo, fetiche e feiticeiro na obra de Bakunin .....	p. 13
4- A religião na História e no desenvolvimento da Filosofia .....	p. 18
5- A religião na vida social da antiguidade .....	p. 20
6- A antiguidade e universalidade de uma crença não atestam nenhuma verdade .....	p. 22
7- A essência da religião .....	p. 25
8- Referências bibliográficas .....	p. 29
9- Nota do autor .....	p. 34

## 1- Bakunin: do evolucionismo ao ateísmo militante

O objetivo deste trabalho é compreender a gênese da ideia de divindade juntamente com outros pontos importantes do pensamento de Bakunin. Trataremos do início de toda religiosidade nestas duas obras de maturidade de Bakunin; *Deus e o Estado* e *O princípio do Estado*. Compreender a concepção de que Bakunin tem desta gênese da religião, e o papel que ela desempenhou historicamente, veremos que tem uma visão bem particular, ao mesmo tempo que bem atual. Será exposto em que consiste o ateísmo de Bakunin, que se apóia em sólidas bases filosóficas. Sobre o pensamento bakuniniano no tema religiosidade encontramos traços de humanismo<sup>3</sup> e de evolucionismo<sup>4</sup> expressos em sua obra, que no pensamento bakuniniano tomam uma nova forma, que também podemos chamar de um pensamento dialético. Toda evolução tem, para Bakunin, este por um de seus princípios: “todo desenvolvimento implica necessariamente uma negação da base ou ponto de partida”<sup>5</sup>. (BAKUNIN, 2011, p. 38). Isto deve ser levado a cabo, também com relação à evolução da Humanidade. Por conseguinte o desenvolvimento humano é a negação progressiva de sua animalidade, pela constituição de sua Humanidade. Bakunin faz uma distinção se prestarmos a atenção em seus escritos que é com relação a Homens e Humanidade. Homens ele fala quando se refere a esta condição animalesca e primitiva, ou então escrava da religião dos homens, já o termo Humanidade, se refere aos humanos, isto é, seres humanos emancipados e da sociedade organizada segundo a sua visão Socialista Libertária.

É por isso que, diz Bakunin, a religião, no primeiro momento de consciência dos homens na História, na mais remota antiguidade teria contribuído para o desenvolvimento das

---

<sup>3</sup> Sob uma notável influência do pensamento de Feurbach, assim como Marx. Embora o ateísmo de Feuerbach seja distinto do ateísmo de Bakunin, e o mesmo se passa com o ateísmo de Marx, entretanto, os três partilham da noção de que a ideia de divindade é uma criação da mente humana. Este é um tema que requer uma exposição aprofundada, porém, em linhas gerais a principal diferença entre os três é a relação da mente humana, e das sociedades ao criarem ou instituírem a religião; e uma segunda distinção é a importância que cada um atribue à religião e as vias das quais cada um deles pretende suprimir a religião

<sup>4</sup> Sob uma notável influência do pensamento de Darwin

<sup>5</sup> Consideração importante para todo o pensamento de Bakunin, pois, esta convicção que tinha com relação a transformação e progressiva evolução, tem implicações fundamentais para seu pensamento anti-religioso, político, e até mesmo educacional. Esse tipo de implicação, para Bakunin, é inerente no funcionamento do mundo, também do corpo humano e da vida social.

abstrações do homem, ou seja, teria sido necessária, assim como hoje, seguindo a evolução humana, se faz necessária a sua abolição. O que é um pouco inusitado talvez, é a importância que Bakunin atribui a religião, por mais que ela seja um veneno, para ele, ela foi necessária e contribuiu para o desenvolvimento do homem primitivo, com relação a capacidade de abstração, e por um longo tempo durante a história. Esta concepção de evolução está vinculada ao ateísmo de Bakunin, que deve ser considerado um ateísmo militante, pois, para ele, nos dias atuais é preciso se combater as religiões, já que foi necessário e natural que surgissem as religiões, e agora, pela evolução natural do mundo, é necessário que neguemos mais esta base de animalidade, a da religião em nossos hábitos e moral. Este é o ponto evolucionista e dialético de seu pensamento, já que é da negação do ponto de partida que se tem toda evolução, e que para os homens constituírem sua humanidade, é necessário que se afaste e negue progressivamente estes e outros fatores de sua animalidade.

Na obra de Bakunin, em diversos momentos há uma confusão semântica entre os termos “Deus” para designar todo o conjunto de divindades criadas pelos homens ao redor do mundo em cada momento histórico, e “Deus” para se referir especificamente ao Deus das religiões judaico-cristãs. Assim como o termo “Igreja”, na maior parte das vezes se utiliza desse termo, no sentido de religião, para se referir à todas as religiões conhecidas pela humanidade em cada tempo histórico. Em outros momentos, utiliza-se do “termo “Igreja” de modo específico, se direcionando às igrejas católica, e/ou protestante.

No caso das religiões, para o autor, foi natural que elas surgissem, pelo desconhecimento e medo do homem primitivo, assim como naturalmente nos tempos atuais é necessário que nos livremos desse sentimento religioso, já que agora podemos nos basear na ciência e na razão. E não na ficção, e em disposições místicas, que segundo Bakunin, todas têm por base o “absurdo” e o “íniquo”. O seu ateísmo recebeu o nome, do próprio Bakunin, de *antiteologismo*, e pode ser distinguido de outros ateus, inclusive de Marx, pela importância que o autor atribui em se combater as religiões, ao passo que Marx achava que elas sucumbiriam por si só com a abolição das classes. O antiteologismo bakuniniano é o mesmo que ateísmo, e podemos chamá-lo de ateísmo militante, ou como faz Cappelletti ressaltando a importância e a peculiaridade do pensamento de Bakunin que chama o autor de anti-teísta, pelo fato de sua visão ser ainda mais radical, por se tratar do combate às religiões e também às teorias metafísicas como algo que deve ser tratado em primeiro plano. Já Bakunin,

acreditava que o combate à religião era, sem dúvida, uma questão de primeira importância, tanto para o seu pensamento, quanto para o movimento operário. Tal como assinala o grande estudioso argentino do ateísmo e do anarquismo Angel Cappelletti chama o ateísmo militante de Bakunin de “anti-teísmo”, tal como quando diz:

“Puede definirse simplemente la actitud de Marx, a este respecto, como 'ateísmo'; la de Bakunin, como 'antiteísmo' o, según él mismo dice, 'antiteologismo'(...) En la práctica, Bakunin cree en la necesidad de una lucha directa contra la religion, aunque no limite la lucha, como habian hecho los jóvenes hegelianos, a la mera critica teologica. Marx, en cambio, no considera nunca la lucha antirreligiosa sea un propósito substancial del movimiento revolucionário[...]” (CAPPELLETTI, 1886, p. 180-181).

Neste trecho vem à tona além do que foi dito, diz também onde Bakunin se situa com relação aos jovens hegelianos<sup>6</sup>, sabemos que tanto Bakunin quanto Marx fizeram parte desse círculo em sua juventude. Marx, em *A Ideologia Alemã* diz, que os jovens hegelianos achavam que o núcleo de sua filosofia e a ideia que tinham de uma transformação se dava nas ideias, segundo Marx, eles achavam que o combate a ideia de divindade e em especial ao cristianismo, era o suficiente para se ter um pensamento revolucionário e promover alguma transformação na realidade. Por fim, segundo Marx, eles combatiam ideias com ideias, e é aí que entra o seu materialismo histórico e a para ênfase em se basear em pressupostos materiais. Bakunin que, assim como Marx, leu todos estes filósofos, inclusive obviamente leu muito bem Marx<sup>7</sup>, dá assentimento à importância de combate às religiões dos jovens hegelianos, e a essa noção de materialismo histórico e de teoria crítica marxiana, porém o modo prático de Bakunin, é colocar esta questão como uma questão também de primeira instância no movimento operário. Por este

---

6Os jovens hegelianos, os hegelianos de esquerda eram filósofos alemães, ou que como Bakunin, viviam na Alemanha e tinham forte influência de Hegel. Não é um movimento homogêneo, entretanto, algo que eles tinham em comum é que todos eles queriam fazer uma filosofia revolucionária partindo da leitura atrevida de Hegel. Entre os jovens hegelianos podemos citar, Feuerbach, Max Stirner, os irmãos Bauer, os próprios Bakunin e Marx.

7Sim, isto não é uma análise subjetiva. Pois, Bakunin conheceu Marx ainda nos anos 40 do século XIX, e não só isso, foi o primeiro tradutor do *Manifesto do Partido Comunista* em russo, quanto a esta questão pode-se ver também na introdução de Engels (1892) em que o cita, obviamente de um modo negativo, não com relação a tradução, mas sim de uma certa rivalidade.

motivo que Bakunin, em sua “fase anarquista” passa a ver como indissociável o combate ao poder do Estado e também o combate à religião.

A religião se situa nesse meio termo, entre o que Bakunin chama de o período da escravidão animal do homem, e a “realização da liberdade humana”. Isso, para Bakunin, é próprio da evolução natural da Humanidade. Desse modo, significa que a religião serviu a muito tempo, e na modernidade mais do que nunca serve de entrave para que as pessoas possam constituir a sua Humanidade, assim como um suporte indispensável para a dominação. Confirmam as palavras de Bakunin sobre a evolução Humana:

“[...] ele partiu da escravidão animal e atravessando a escravidão divina, termo transitório entre sua animalidade e sua Humanidade, caminha hoje rumo à conquista e à realização da liberdade humana.” (BAKUNIN, 2011, p. 50).

Desta forma, já que todo desenvolvimento implica numa negação da base ou ponto de partida; o desenvolvimento natural do Mundo e da Humanidade implica naturalmente em pôr abaixo à essas fantasias da mente humana. Esse fato também foi observado por Henri Arvon, quando afirma sobre o ateísmo bakuniniano: “Entre a escravatura animal dos homens, que se situa no início da história, e a humanidade que é o seu objetivo, intercala-se a escravatura divina (...). Ora é tanto mais urgente pôr um final na escravatura divina quanto esta justifica e condiona todas as outras escravaturas”. (ARVON, 1971, p. 98-99). É por isso que, de acordo com Bakunin, o homem criou Deus quando a pouco havia emergido de seu estado de animalidade, por um ato de fantasia da mente, que Bakunin chama de “ato de loucura”, pois, a religião surge do desconhecimento de si e da natureza e se configura na realidade como o absurdo da mente ignorante e cheia de fantasias, e a aniquilação da humanidade<sup>8</sup>.

A ideia de divindade foi o primeiro modo do homem, buscar explicar a realidade, foi um primeiro despertar da consciência, ainda que uma “consciência sem-razão” e suas abstrações influenciaram ainda em demasia a Filosofia em seu surgimento<sup>9</sup>, e desde o seu período clássico

---

<sup>8</sup> Ver seção 2

<sup>9</sup> Ver seção 3

a Metafísica, que para Bakunin era como que uma irmã da Teologia. Foi um ato inevitável, na mais remota antiguidade os homens criarem para si deuses e nas palavras do autor, até mesmo “inelutável”. Ou seja, foi um fato inelutável e natural, porém, segundo Bakunin, isso não significa que seja algo que sempre será necessário. Esta é a razão que se faz necessário a sua abolição, pois, ela hoje serve de entrave para que o homem possa constituir a sua humanidade, enquanto estiver sob o jugo da escravidão divina. Como afirma Arvon, no capítulo “a religião, um mal necessário”:

“Pela religião, o homem animal, ao sair da bestialidade, dá um primeiro passo para a humanidade, mas, enquanto continuar religioso, nunca atingirá a sua finalidade, porque toda religião o condena ao absurdo e, desviando-lhe a direção dos passos, fá-lo procurar o divino, e não o humano.” (ARVON, 1971, p. 173).

Do mesmo jeito que antes foi inelutável e necessário, na modernidade passa a ser necessário e natural, que o homem se livre dessas ideias, que para Bakunin são como um veneno. A religião hoje nos parece algo natural, porque esta loucura, como frisa o filósofo, tornou-se a alma e o pensamento da sociedade<sup>10</sup>. E somos envenenados com isso desde os nossos primeiros momentos de vida. Por isso, nos é importante saber a origem de toda a religiosidade, já que é tão importante combatê-la quanto o é o combate do Estado, para que saibamos dos pontos comuns entre elas. Se não em nada adianta fazer a crítica, seja lá a que religião for, pelo que expressa Bakunin, além de que, se não temos essa compreensão acabamos a cair mergulhados no sentimento religioso novamente, que como dissemos se tornou a alma da sociedade, assim como, afirma Bakunin, em *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*:

“É-nos indispensável perceber isto por nós mesmos, pois de nada adiantará dizermos-nos ateus; enquanto não tivermos compreendido a gênese histórica, natural, da ideia de Deus na sociedade humana, nós nos deixaremos sempre mais dominar pelos clamores desta consciência universal da qual ainda não compreendemos o segredo, isto é, a razão natural, e, à vista da fraqueza natural do indivíduo contra o meio social que o cerca, correremos sempre o risco de recair, cedo ou tarde, na escravidão do absurdo religioso”. (BAKUNIN, UNIPA, 2012, p. 41).

---

<sup>10</sup> Ver seção 4



De acordo com Bakunin, a religião é um suporte indispensável para a dominação, tanto por um aspecto podemos dizer psicológico, pois age na consciência dos homens, também pelo aspecto político, já que a igreja/religião e o Estado estiveram intimamente relacionados, assim também os líderes religiosos são possuem uma posição social elevada. A parte as teocracias, onde os sacerdotes sejam lá de qual deus, são os soberanos. É sobre a origem da ideia de divindade, o que Bakunin também chama de as “ideias divinas”, justamente o ponto que seguiremos, vislumbrando a análise da qual Bakunin faz com relação ao estado em que possivelmente os homens se encontravam ao criarem para si deuses. No primeiro momento, no ato da criação das divindades, isto ainda não era uma religião, era uma crença inconsciente de sua atividade. Vamos entender como surgem as divindades, e em seguida as religiões de acordo com o autor

## **2- A origem do sentimento religioso e a criação das divindades**

Bakunin trata em seus escritos da maturidade, da origem de diversas religiões porque para ele é fundamental falarmos das religiões, para que também possamos tratar de questões filosóficas e políticas (BAKUNIN, 2008, p. 42-43). Neste trabalho iremos analisar as obras *Deus e o Estado* e *O Princípio do Estado* que estão entre os seus principais escritos do autor sobre esse tema, e onde o seu trabalho filosófico e antropológico é profundo. Neste ponto é importante entendermos em que condições os homens se encontravam física e intelectualmente quando houve o surgimento, o começo do “sentimento religioso”, veremos a proximidade do homem nesta condição com os demais animais da Natureza.

O começo do “sentimento religioso” é o que Bakunin está querendo dizer, como origem das crenças religiosas, e o “sentimento religioso” é o instinto que há contido em todos os animais, que no homem devido as suas faculdades culminou na criação da ideia de divindade, que é o próprio teísmo, e também na criação das religiões. Este surgimento do sentimento religioso é o início da crença na ideia de divindade e não pode ser considerado como a religião propriamente dita, que será o fetichismo, que abordaremos na próxima seção. Bakunin em seus escritos trata tanto do politeísmo de diversas nações antigas, e trata do monoteísmo judaico, cristão, islã, fala sobre as filosofias espiritualistas, mas como foi dito aqui trataremos da origem de todo teísmo, no caso o politeísmo, e quais foram as condições

em que os homens criaram a ideia de divindade. Na continuação deste trabalho veremos que o autor vai dizer que foram os diferentes graus de politeísmo, depois o desenvolvimento do monoteísmo até chegarmos ao Cristianismo<sup>11</sup>.

Logo percebemos que é melhor tratar do tema com uma metodologia ordenando as teorias desde a origem do sentimento religioso e os seus desdobramentos. Esta problemática que no autor não está tão sistematicamente organizada, apesar da relevância do tema para o mesmo, isto por causa de sua vida como militante e em alguns escritos encontramos expressões de seu pensamento sobre as questões mais importantes para o autor. Notamos em seus escritos que nos é elementar que busquemos compreender como teria se dado a origem das crenças religiosas, para que possamos fazer qualquer tipo de inferência relevante sobre a sociedade ou a política, e não só isso, mas que para que não mergulhemos, ou tenhamos “recaídas” neste chamado sentimento religioso. É por esta razão que esta seção tratará das religiões antigas, o que também é chamado de politeísmo. O que está em questão é a origem de todo teísmo e de todas as religiões, como lemos nas palavras de Bakunin:

“[...] devemos nos esforçar para compreender a gênese histórica, a sucessão das causas que desenvolveram e produziram a ideia de Deus na consciência dos homens”. (BAKUNIN, 2011, p. 52).

É de grande relevância abordar a este ponto, o do “sentimento religioso”, não era propriamente religião, mas sim que era uma crença na ideia de divindade, que depois penetrou na vida social e nos hábitos das pessoas, e depois sim, passa a ser uma religião, segundo Bakunin. Vemos em, *O princípio do Estado* e em *Deus e o Estado* que o homem emergiu para esse “sentimento religioso” e criou a religião ainda em suas condições primitivas, quando ainda não haviam desenvolvido as suas capacidades intelectuais, não conhecia nem a si mesmo, o funcionamento do seu corpo, e nem o funcionamento da natureza. Isto é o que o autor quer dizer quando diz primitivo, tal como veremos a partir de agora, o primitivo neste sentido, para ele, é o estágio da Humanidade em que os humanos não conhecem nada sobre si, nem sobre o funcionamento da Natureza e estavam mais próximos de sua “animalidade” do que de sua “humanidade”.

---

<sup>11</sup> Que será tratado amplamente na próxima parte deste trabalho

Desse modo, tudo o que aparecia como apavorante e inexplicável, ou até mesmo o que na natureza ou nos homens se admirava como belo e grandioso, era atribuído às divindades, sendo assim, Bakunin afirma, que deus simplesmente é um nome “genérico”, “geral” e “abstrato”, para designar as coisas que acabaram de ser mencionadas. E esse fator de ignorância do homem primitivo na remota antiguidade, somado com o seu medo e relação de dependência da natureza, foram as causas que impulsionaram este homem primitivo, a criar as religiões, a cometer este “ato de loucura”, a divinização de si mesmo, divinização de certos aspectos da humanidade ou da natureza pela fantasia da mente pouco desenvolvida dos homens, que não tinham domínio sobre as suas faculdades intelectuais. Pois, é considerado como ato de loucura, pelo fato de que essa abstração e miragem celeste sempre tem um efeito brutal, envenenado e degradante para a humanidade.

De acordo com Bakunin, foram nessas condições em que o homem se encontrava quando criou o seu primeiro deus, esse foi o ato de surgimento da “loucura coletiva” que é a religião, e o que Bakunin chama de “sentimento religioso”. Foi inocente, pois, o homem não sabia que as divindades eram fantasias da mente humana, e que ela viria a ser uma das principais causas de sua escravidão, a causa da imolação diária da humanidade. Este “ato de loucura” para ele se torna uma “loucura histórica e coletiva” porque Bakunin nos faz perceber, que foi nesse ato absurdo que nasce a ideia de divindade, e depois, esta loucura passa a ser compartilhada pela tribo, por isso loucura coletiva. Esta mesma loucura que passa a ser compartilhada pela tribo, depois passa a se tornar tradição, é por isso que loucura coletiva e histórica, depois as suas origens se perderam, e a tradição passa a ser vista como sagrada. De acordo com Bakunin, toda a religião tem a origem no absurdo e na iniquidade, e surgiu, com o homem mais próximo de sua animalidade do que de sua humanidade. A seguir, a afirmação de Bakunin, de que a humanidade partilhou por muito tempo dos mesmos instintos animais, de “seus primos próximos” os gorilas, como exemplo, dessas “representações instintivas” do homem primitivo, ao afirmar:

“[...] O homem primitivo, o selvagem, pouco diferente do gorila, partilhou, sem dúvida, durante muito tempo de todas as sensações e representações instintivas do gorila [...]” (BAKUNIN, 2008, p. 44).

Neste trecho Bakunin mostra o quanto o homem primitivo, vivia assim como todos os outros animais na natureza e partilhavam dos mesmos instintos, em muitos casos os mesmos medos, este trecho nos conduzirá a explicação do fator de animalidade que fez com que surgisse o sentimento religioso. Assim como mostra a proximidade dos homens com os demais animais da Natureza com relação a este temor e sensação de dependência. É por isto que, para compreendermos mais sobre essa origem, é necessário que compreendamos o fator de *animalidade* que está presente nesta origem do sentimento religioso. Diz o autor que, a religião nasce do temor e da relação de dependência da Natureza<sup>12</sup> ou do que podemos chamar de Infinito<sup>13</sup>. O politeísmo é a religião do medo, segundo Bakunin, como afirma Arvon, em: “O homem acredita depender de Deus uma vez que depende da Natureza. Como explicar de outra maneira o politeísmo?” (ARVON, 1971, p. 97). Este medo instintivo, de acordo com Bakunin, está presente em todos os animais, com isso, o autor afirma que todos os animais na natureza tem um certo potencial religioso, mas que só no homem chegou a culminar na religião. Este temor da Natureza está presente em todos os animais, mas o que difere o homem dos outros animais é justamente o grau de reflexão, da qual ele é capaz, ele tem a capacidade de fazerem abstrações mais profundas, e generalizá-las, assim como de serem reflexivos sobre esse medo. Vejamos as palavras do filósofo:

“Como os animais de todas as outras espécies não possuem essa força de abstração e de generalização da qual só o homem é dotado, eles não figuravam essa totalidade dos seres que denominamos natureza, mas a sentem e têm medo dela. Esse é o verdadeiro começo do sentimento religioso” (BAKUNIN, 2008, p. 43).

Desse modo, o homem projetou esse medo e dependência da Natureza de um modo cada vez mais humano, e como dissemos isso teria ocorrido na mais remota antiguidade, quando o homem a pouco havia emergido de sua completa animalidade. Só que no homem esse medo provavelmente seria ainda mais intenso, diz Arvon sobre esse tocante, já que o homem é mais frágil que muitos outros animais, e a sua infância dura por mais tempo. Esse medo e o potencial reflexivo existem em todos os animais, só que no homem ele se manifesta em um

---

<sup>12</sup> Termo empregado por H. Arvon

<sup>13</sup> Termo empregado por A. Cappelletti

grau muito mais elevado, e se distingue no homem pela sua capacidade de linguagem e de generalização abstrata. Dessa forma, esse temor, dependência da Natureza, juntamente com a profundidade de sua reflexão, e sua capacidade de nomear as coisas, foram as causas definitivas da consolidação e desenvolvimento das tradições religiosas, como afirma Arvon: “Não é a reflexão, mas o grau da reflexão, ou melhor, a capacidade de a fixar e de a conceber como um pensamento abstrato, de a generalizar dando-lhe um nome” (ARVON, 1971, p. 181). Esse temor à Natureza ou ao Infinito é um terror instintivo, e foi por ele, nestas condições que dissemos que o homem engendrou a origem do “sentimento religioso”. Esta análise também foi feita por Angel Cappelletti, com relação ao temor instintivo originário da religião em sua obra *Bakunin y el Socialismo Libertário*, quando diz:

“Pero en los animales superiores, más se acercan al hombre por su organización, se manifiesta, sobre todo, en el miedo pánico que se apodera de ellos frente a ciertos fenómenos naturales (terremotos, tempestades, bestias feroces, etc). El miedo domina la vida animal y por eso todos los animales que viven em libertad son feroces: viven en un miedo incesante y penetrados siempre por un sentimiento de peligro, lo cual equivale a decir que viven bajo una influencia omnipotente que los rodea y envuelve por doquier. Este temor es el inicio de la religion” (CAPPELLETTI, 1986, p. 187).

Não sabiam nada sobre o funcionamento de seus corpos e da natureza. São nessas condições que Bakunin diz que surge o sentimento religioso, ou seja, o princípio das tradições religiosas, que nasceram no homem primitivo e que persiste até os dias de hoje. Desse modo, em princípio, no seu estado primitivo, tudo o que lhe parecia apavorante e inexplicável, neles mesmo, ou na natureza, os homens nomearam deuses, assim como afirma Arvon sobre o que Bakunin diz sobre esta etapa da História: “Na origem existem tantas divindades quanto os fenômenos naturais inexplicáveis e por isto mesmo inquietante” (ARVON, 1971, p. 97). Eis um dos pontos em que, o ateísmo de Bakunin se aproxima do ateísmo de Feuerbach, pois para ambos os deuses são criações da mente humana, de uma fantasia, de fundo plenamente antropomórfico, que por fim o homem acaba por adorar a si mesmo.

Em *Deus e o Estado*, assim como em *O princípio do Estado*, Bakunin deixa claro que as religiões e os deuses no geral, todos são frutos da “fantasia crédula” do homem, um fruto da abstração, da consciência pouco desenvolvida do homem primitivo, ainda “sem-razão”. Que na

verdade, a religião, o Paraíso, prometido pelas religiões judaico-cristãs ou mesmo o Olimpo e o Hades são “miragens”, uma projeção fantasiosa e enganosa da mente dos devotos. Assim como que as religiões se modificaram conforme a humanidade evoluiu historicamente em sua capacidade intelectual e de abstração, embora nesta época ainda não tivesse consciência e controle de suas potencialidades reflexivas. Este é um dos trechos onde Bakunin nos mostra que o homem foi artífices das divindades:

“Todas as religiões com seus deuses, seus semideuses e seus profetas, seus messias e seus santos, foram criadas pela fantasia crédula do homem, que ainda não alcançou o pleno desenvolvimento e a plena posse de suas faculdades intelectuais. Em consequência, o Céu religioso nada mais é do que uma miragem em que o homem, exaltado pela ignorância e pela fé, encontra sua própria imagem mas invertida, isto é, divinizada. A história das religiões, a do nascimento, da grandeza e decadência dos deuses que se sucederam na crença humana, não é nada mais do que o desenvolvimento da inteligência e da consciência coletiva dos homens” (BAKUNIN, 2011, p. 53).

Em razão disso, por ingenuidade, por um ato inocente e loucura, o homem passou a adorar a si mesmo, e é isso o que toda religião busca, se não é o que busca na verdade é o que ela sempre encontra somente, para Bakunin. Ele adora a si mesmo, de modo que atribui a seus deuses as características humanas, só que divinizadas e imortalizadas, que na verdade é ele mesmo. Sendo assim, ao adorar a si mesmo, só o que conseguir encontrar é o completo vazio, fruto de sua abstração. Essa abstração e vazio, que faz parte de toda religião, é uma das características inerentes à todas elas que é a negação da humanidade, pelo respeito e exaltação da divindade. Bakunin afirma ao se adorar qualquer divindade, na verdade as pessoas estão justamente adorando si mesmos em seu deus. Como o filósofo afirma em *O princípio do Estado*:

“Quando o espírito humano criou Deus, procedeu com a mais completa ingenuidade; não possuía ainda nenhum conhecimento dele mesmo e, sem duvidar de maneira nenhuma, pôde adorar-se em seu Deus-Nada” (BAKUNIN, 2008, p. 47).

Esse tema é discorrido com profundidade principalmente nesses dois textos de 1871, esses homens primitivos ainda muito próximos de sua inocência animal criaram deus. Segundo Bakunin, o homem a princípio chamou de deus tudo aquilo que parecia temeroso na natureza;

trovão, vento, tempestade. Após passar alguns séculos, o homem procurava deus em todos os lugares, e disse ter encontrado nas obras de pau e pedra que eles mesmos foram os artífices, citado por Bakunin como a época do fetichismo, da qual desenvolveremos mais a frente. Assim depois de terem criado esses objetos se ajoelharam diante deles e voluntariamente se declararam seus escravos e os adoraram como os seus criadores.

Foi assim que o “sentimento religioso” que origina a ideia de divindade, começa o que será uma série de evoluções das “ideias divinas”. Assim quando descobriam certo aspecto da natureza, fossem no interior deles próprios, ou nos fenômenos naturais, algo que parecesse pavoroso ou inexplicável, eles atribuíam isso aos seus deuses. Os deuses, segundo Bakunin, ou a própria ideia de deus, foram os próprios homens que criaram a partir de suas abstrações. Agora veremos como Bakunin analisa a relação entre religião, História e Filosofia, ou, podemos dizer a religião na “História da humanidade” e na “História do pensamento universal”.

### **3- O fetichismo, fetiche, e feiticeiro na obra de Bakunin**

Este tema na obra de Bakunin é mais amplamente abordado nas obras *O princípio do Estado, Deus e o Estado*, e *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. Para Bakunin, o homem na Antiguidade procurava a divindade em todos os lugares; acreditou ter o encontrado em obras de pau, pedra, ou qualquer outro material, isto é, os fetiches, dos quais eles mesmos eram os artífices. Esta é considerada por Bakunin, e vemos isso também na obra de Cappelletti, que assinalou ser o fetichismo a “primeira etapa da religião propriamente dita”. Esta parte do pensamento de Bakunin trata da origem das religiões, pois, no fetiche é o momento em que o homem fixa uma representação permanente da divindade, Bakunin chega a chamar o fetiche de “Deus-coisa”. Nesse sentido fetiche é a obra que é criada e tomada por divina, a obra que deveria representar esta ideia geral e abstrata de deus. Pois, na primeira etapa das divindades naturalistas, de acordo com nosso autor, ainda não poderia ser considerado religião, mas era um “sentimento religioso” uma crença, e por isto mesmo, de acordo com minha tese, a *origem histórica da ideia de divindade*. Declara o pensador revolucionário:

“Tal foi o primeiro Deus, de tal forma rudimentar, é verdade, que o selvagem que o busca em todos os lugares para conjurá-lo pensou tê-lo encontrado, às vezes, em um pedaço de pau, um esfregão, um osso, ou uma pedra: foi a época

do fetichismo, da qual ainda hoje encontramos vestígios no catolicismo”.  
(BAKUNIN, 2008, p. 44)

Na obra de Bakunin, o termo “fetichismo” se refere aos cultos de povos primitivos que eram prestados a objetos, onde esses objetos eram tidos por eles como a representação de suas divindades, ou que seriam objetos mágicos, que na visão deles, seriam dotados de forças místicas, para que lhe fossem benévolas de algum modo. O admirável estudioso Angel Cappelletti, também tratou desse tema do fetichismo em sua obra *Bakunin y el Socialismo Libertário*, deste modo, prevenindo de que não hajam ambiguidades com relação ao termo fetichismo em Bakunin, dizendo:

“Para Bakunin, el término 'fetichismo', que hoy algunos antropólogos, como Geoffrey Parrinder, consideran altamente ambiguo, comprende sólo el culto que profesan muchos pueblos primitivos a determinados objetos (fetiches) dotados de una fuerza mágica (orenda, mana), los cuales pueden otorgar ciertos bienes (salud, fertilidad animal, buena casa, etc) y librar de ciertos males (enfermedad, catástrofes, hambre, etc). (CAPPELLETTI, 1986, p. 190).

A projeção abstrativa do homem o conduziu a estes cultos dos fetiches. Como dissemos na seção 2, o homem na origem da ideia de divindade, adora o seu próprio eu, e por medo projeta seu eu no absoluto e o adora, através de fenômenos naturais que lhes causam medo. Após ter passado muito tempo observando a realidade, embora estando em condição de uma intelectualidade pouco desenvolvida, procura fixar um objeto que representasse a “onipotência” da natureza. Esse objeto é fixado, como Bakunin diz, por sua “fantasia ignorante”, isto é, pela sua intuição e crença irrefletida, em um ser divino. Desse modo, os homens finalmente fixam um objeto de adoração, como uma representação permanente crendo ter encontrado aquele essa força “onipotente” nas obras que eles próprios criaram. Nas palavras de Bakunin:

“Ainda incapaz de abraçar, por seu próprio pensamento, o universo, mesmo o globo terrestre, até mesmo o meio tão restrito no qual ele nasceu e vive, procura em todas as partes onde possa residir esta onipotência, cujo sentimento, doravante refletido e fixado, o obseda, e por um jogo, por uma observação de sua fantasia ignorante, que nos seria difícil explicar hoje, fixa-a a este pedaço de pau, a este farrapo, a esta pedra. É o puro fetichismo, a mais



religiosa, isto é, a mais absurda de todas as religiões”. (BAKUNIN, UNIPA, 2012, p. 52).

Assim são criados os fetiches. Em resumo, para facilitar a compreensão poderíamos dizer deste modo: “olhem, eu encontrei deus, ele está aqui, na obra de pau e pedra que eu fiz! Venham, vamos adorá-lo, criemos todas as solenidades e honrarias dignas de tão grande deus!”. Sendo assim, os homens transferem o seu objeto de adoração que seria a natureza, para os que doravante foram criados, os fetiches. À partir disso, passa a prestar-lhes cultos, fazer-lhes sacrifícios (de animais e humanos), promessas, assim como a auto-humilhação e até mesmo auto-flagelo. Para confirmar que Bakunin não se equivoca, apesar de sua densidade filosófica, em afirmar que o fetichismo é considerado como a primeira religião propriamente dita, Arvon de acordo com os estudo do final do século XX, diz que são “unânicos” as narrativas de todos os especialistas que viajaram à África<sup>14</sup> e em outras regiões distantes e também tribais como a Oceania sobre que realmente o fetichismo foi a primeira religião da humanidade. Complementa ainda Arvon dizendo que, o “fetichismo é a religião do medo”, de acordo com ele:

“A ajuizar pelas narrativas unânicos dos viajantes que, desde o século passado, visitaram as ilhas da Oceania, como nas daqueles que nos nossos dias penetraram no interior da África, o fetichismo deve ter sido a primeira religião, a das hordas selvagens, ou sejam, as que menos afastadas estão do estado de Natureza. Mas o fetichismo não é mais do que a religião do medo. É a primeira expressão humana desta sensação de dependência absoluta, misturada com o terror instintivo, que encontramos no fundo de toda vida animal [...]”.(ARVON, 1971, p. 180).

Entretanto, a crença nos fetiches, não parece o suficiente, já que os fetiches, e isto até mesmo os profetas bíblicos tidos como “profetas maiores” já o tinham observado, eles não são dotados nem de vida e nem de poder. Para o filósofo russo, foi a experiência diária que fez com que os devotos dos fetiches passassem a duvidar deles, esse processo ocorre lentamente na marcha da história. Desse modo, para Bakunin, essa passagem dos “fetiches inanimados”, ou do “Deus-coisa”, para o “fetiche vivo”, o “homem-deus” também levou muitos séculos para ocorrer. Isto só pôde resultar que, como o “Deus-coisa” era imóvel, os homens esperavam mais de suas

---

<sup>14</sup> Africa e Oriente Médio é considerado também pelos estudiosos de atualmente como a região de onde teria surgido os primeiros seres humanos

divindades. Depois disso passaram para o “fetiche vivo”, os homens passaram a adorar à alguns animais, e passaram ao culto dos feiticeiros. Neste período, ainda no politeísmo, eis o caminho que, segundo Bakunin, os homens traçaram:

“Foram necessários séculos, sem dúvida, alguns séculos para que o homem selvagem passasse do culto dos fetiches inanimados ao dos fetiches vivos, ao dos diferentes animais e, por último, ao dos feiticeiros. Ele chega aí por uma longa série de experiências e pelo procedimento de eliminação: não encontrado o poder temível que desejava conjurar nos fetiches, busca-o no Homem-Deus, o *feiticeiro*.”. (BAKUNIN, 2008, p. 44).

O erudito argentino, Angel Cappelletti, identifica muito bem, como a segunda etapa da religião propriamente dita, e afirma:

“La segunda etapa de la religión propiamente dicha, es decir, humana, es, para Bakunin, lo que él denomina “culto de los brujos”, que equivale a lo que en términos generales, llamaríamos hoy 'animismo'. Pero este animismo comprende, en su clasificación, tanto él politeísmo como el monoteísmo, y abarca todas las grandes religiones bíblicas”. (CAPPELLETTI, 1986, p. 190).

A figura do feiticeiro em Bakunin, se afigura sobretudo ao que chama de feitiçaria, ou bruxaria primitiva, porém tem uma acepção muito mais abrangente, chegando a fazer parte de diversas religiões antigas e até mesmo nas religiões de tradição judaico-cristã. O culto dos feiticeiros, eram feitos, apenas com o mesmo, ou também acompanhado do fetiche, aponta Bakunin, este culto durante um bom tempo se pareceu mais racional do que o dos “fetiches inanimados”. O culto dos feiticeiros tem o principal característica, a figura do “homem-Deus”, que se encarrega de exercer poder e influência sobre alguma divindade suprema e sobrenatural. Segundo Bakunin, no surgimento do culto dos feiticeiros a divindade e a pessoa do feiticeiro ainda são, de tal forma inseparáveis e por isto mesmo é que o autor chama isto de “fetiche vivo”, pois o fetiche não é mais a obra de pau e pedra, mas sim o próprio feiticeiro. Este tipo de culto parecia “mais racional”, como assinala Bakunin, para estes homens primitivos. Para ele, essa religião permanece muito atual, entre as crenças religiosas, porém incorporadas à novas tradições, identificando a semelhança desses cultos, com cultos muito praticados ainda hoje, no próprio cristianismo e espiritismo, dizendo que por isto mesmo, ainda estamos cercados de feiticeiros. Eis como aborda o tema:

“É um culto, senão muito mais racional, pelo menos mais natural e que nos surpreenderá menos que o puro fetichismo porque estamos a ele habituados, estando ainda hoje cercados de feiticeiros: o espíritas, os médiuns, os clarividentes com seus magnetizadores, os padres da igreja católica romana, tanto quanto os da igreja Oriental grega, que imaginam ter o poder de forçar o bom Deus, com a ajuda de algumas fórmulas misteriosas, a descer sobre a água ou até mesmo a se transformar pão e vinho; todos estes forçadores da divindade submissa a seus encantamentos não são também feiticeiros?”. (BAKUNIN, UNIPA, 2012, p. 52).

Deste modo, é a isso mesmo que se resume o culto dos feiticeiros, enquanto prática é a crença num “fetiche animado” que diz ter o poder, ou fazer encantamentos que podem exercer o poder sobre a divindade e obter favores da mesma. Tanto que, por isto mesmo encontramos o vestígios de ambos, de fetichismo e feitiçaria primitiva em diversas religiões do “politeísmo ao catolicismo”. Porém, na feitiçaria primitiva, durante um tempo este culto foi modificado, e os homens passaram a separar a divindade e o feiticeiro, o feiticeiro exercendo o poder ou a voz da divindade quando está possuído.

Este culto perde credibilidade, e depois certos povos ascenderam para outro culto, justamente porque os feiticeiros dos tempos primitivos, não podiam se resguardar e nem tinham uma vida privada como os feiticeiros das religiões politeístas, e tais como as religiões de matrizes africanas citadas a pouco e das religiões de tradições judaico-cristãs. Neste período não existia o que chamamos de vida privada, privacidade, só o que existia era a vida em tribo, por isto mesmo, os feiticeiros estavam sempre expostos. A vida daquele feiticeiro primitivo, era a vida de tribo, já nos dias atuais nessas religiões, o “feiticeiro”, líder religioso só é visto e levado em consideração em suas aparições públicas. Isto fez que as pessoas fizessem duas observações mais importantes, citadas por Bakunin: que o “homem-deus” estava tão propenso a contrair enfermidades e todo tipo de má sorte; e que os adeptos quisessem por a prova todo tipo de curiosidade e dúvida que tivessem, o que acabou por demonstrar que este tipo de crença não pode se manter perante uma análise racional. Por fim, passaram a acreditar que o “homem-Deus”, o feiticeiro, só teria poder enquanto estivesse possuído, de acordo com Bakunin:

“Mas com o tempo, o papel do homem sobrenatural, o homem-deus para um homem real (sobretudo para um selvagem, que não possuindo ainda nenhum meio de se abrigar da curiosidade indiscreta de seus fiéis, permanece da

manha à noite exposto a suas investigações), torna-se impossível. O bom senso, o espírito prático de um povo selvagem, que continua a se desenvolver paralelamente à sua imaginação religiosa, acaba finalmente por lhe demonstrar a impossibilidade de que um homem, acessível a todas as fraquezas e enfermidades humanas, seja um deus. O feiticeiro permanece para ela um ser sobrenatural, mas somente por um instante, quando está possuído”. (BAKUNIN, UNIPA, 2012, p. 52-53).

O feiticeiro, dessa maneira, passa a ser dotado de poderes sobrenaturais, e ser o porta-voz da divindade ocasionalmente, quando se está possuído. Angel Cappelletti também assinalou este aspecto do pensamento de Bakunin, e diz:

“Por outra parte, en la brujería primitiva la divinidad es inseparable aún de la persona del brujo. Poco a poco, sin embargo, esta idea del hombre-Dios resulta insostenible ante la experiencia y la razón. El brujo se convierte entonces en un ser que ocasionalmente sirve de habitáculo y de portavoz a la divinidad (cuando está poseído). (CAPPELLETTI, 1986, p. 191).

Com essa afirmação encerramos o tema do fetichismo, fetiche e feitiçaria primitiva. Agora veremos como Bakunin analisa a relação entre religião, História e Filosofia, ou, podemos dizer a religião na “História da humanidade” e na “História do pensamento universal”.

#### **4- A religião na história e no desenvolvimento da Filosofia**

Neste ponto nos é importante saber os desdobramentos históricos, o impacto e consequências que essa ideia de divindade trouxe para as sociedades, para o desenvolvimento do “pensamento universal”, assim como as influências que as “ideias divinas” exercem até hoje. Todo o pensamento humano esteve submetido a esse temor e sentimento religioso como seu ponto de partida, isto não foi diferente com os grandes gênios da antiguidade, tanto poetas, filósofos e reformadores religiosos. As religiões foram evoluindo, conforma a capacidade de abstração do homem evoluía, se transformando, e ainda se transformam conforme o contexto histórico do homem. Deste modo, esse temor instintivo originário das religiões esteve presente no homem nas mais distintas partes do mundo, apesar, que para Bakunin, isso longe de provar a veracidade das “ideias divinas”, só faz mostrar o quanto o homem partilha dos mesmos sentimentos em diferentes partes do mundo, em diferentes tempos históricos e sob os mais

distintos climas. Isto está presente no pensamento bakuniniano, assim como Capi Vidal identificou em seu artigo “Actualidad del Ateísmo de Bakunin”, onde nos diz:

“Naturalmente, no es necesario aclarar el hecho de que los dioses (todos los dioses y el conjunto de las creencias sobrenaturales) son fantasías del ser humano, ficciones de origen socio-histórico. Ese es un punto de partida necesario, desde luego, pero la afirmación de Bakunin amplía una filosofía vital sobre la existencia humana refiriéndose a la dignidad del hombre, a la posibilidad de construir su libertad y desarrollar su racionalidad (inherente a su personalidad)”<sup>15</sup>.

Desde o momento em que os homens criam efetivamente a religião, o momento em que os homens começam este ato de loucura, a religião passa a envolver todos os costumes e instituições sociais. Fazendo com que, assim como é até a atualidade, que a superstição e a crença religiosa envolva a todos desde o berço, por consequência, se tornando o espírito da sociedade. Apesar desse sentimento religioso ter surgido na mais remota Antiguidade e perdurar até os dias de hoje, na obra *Deus e o Estado*, Bakunin afirma que esse sentimento não se instaurou na humanidade com tanta facilidade. Esse sentimento religioso a partir de determinado tempo na antiguidade se tornou algo fortíssimo e entretanto, para Bakunin por esse sentimento ser antinatural não se instaurou assim tão facilmente. Foram necessários muitos séculos e mais muitos séculos para cada uma de suas transformações e mais muitos séculos até a transformação dessa ideia de Deus na ideia do Deus monoteísta. Vejamos as palavras de Bakunin:

“[...] não se realizou de uma só vez. Foram necessários não sei quantos séculos para desenvolver e para fazer penetrar essa crença nos hábitos sociais dos homens [...]”  
(BAKUNIN, 2011, p. 106).

Bakunin chamava as religiões orientais, que seriam as religiões mais antigas de as religiões “panteístas do Oriente”, e diz que essas religiões eram religiões de cunho naturalista. Essas são consideradas as primeiras religiões, e foram as religiões que influenciaram o desenvolvimento do politeísmo, inclusive do politeísmo grego, de acordo com Bakunin, graças ao seu contato com o Oriente. Bakunin ao afirmar isso, estava se baseando no que os estudos

---

<sup>15</sup> VIDAL, “Actualidad del ateísmo de Bakunin”, 2012

da época apontavam, o que não foi desmentido ainda hoje, com relação a influência das religiões do Oriente para a formação da religião grega. Sobre isto, nos diz Cappelletti:

“Basándose em los relatos de los viajeros que desde el siglo XVIII recorrieron las islas de Oceanía y em los de aquellos que em siglo XIX exploraron Africa, conjectura Bakunin que 'el fetichismo debe ser la primera religión, la de los pueblos salvajes que han alejado poco del estado natural” (CAPPELLETTI, 1986, p. 188).

Na obra *Deus e o Estado* o autor deixa claro que a Grécia pelo contato com o Oriente criou o seu mundo divino. Para Bakunin antes da história política, a religiosidade já se teria desenvolvido prodigiosamente, assim os pensadores gregos (que para Bakunin foram os maiores pensadores da História) encontraram esse mundo divino já instaurado e o usaram como ponto de partida. Assim os gregos fizeram diversas especulações, e moldaram em suas mentes a idéia pura de um deus uno, indivisível, eterno e puro espírito (absolutamente espiritualista).

Diz Bakunin em *Deus e o Estado*:

“Que um gênio sublime, como o divino Platão, tenha podido estar absolutamente convencido da realidade da ideia divina, isso demonstra o quanto é contagiosa, o quanto é todo-poderosa, sobre os maiores espíritos” (BAKUNIN, 2011, p. 110-111).

Os gregos antigos quando iniciaram a Filosofia já tinham esse mundo divino dado, assim o tomaram como o maior foco de suas especulações. Nesse período ainda era impossível até mesmo para os maiores pensadores desconfiar que os próprios homens que criaram deus. E todos os grandes filósofos que vieram depois de Platão e Aristóteles, esforçaram-se para sempre deixar o que Bakunin chama de ideias celestes, que são as ideias transcendentais e divinas no trono mais alto possível. Essas especulações metafísicas acerca da ideia de divindade dos pensadores clássicos, foram a base de certas filosofias, ou tiveram um enorme eco e ainda ecoam entre os mais renomados filósofos e reformadores religiosos. E depois foi acolhida e a e tornada a única permitida com o advento da chamada “era cristã”, com o fim da antiguidade.

Diz Bakunin que até mesmo quem ele considera como maior gênio filosófico desde os pilares da Filosofia, e para Bakunin é Hegel também se contamina com essas ideias, ao ponto de tentar restituir o lugar mais alto a essas “ideias divinas”. E para Bakunin, mesmo ao tentar fazer recolocar as “ideias divinas” no pedestal mais alto, com o teor de sua Filosofia ele “matou

definitivamente o Bom Deus” (BAKUNIN, 2011, p. 111). O autor, nos diz alguns filósofos, entre os mais ilustres, que acha importante mencionar, para ilustrar do que está tratando, que é justamente que esses grandes gênios da humanidade, tiveram como ponto de partida as “ideias divinas” e muitos deles também a tomaram como a finalidade última, essa especulação sobre o divino. Entre eles:

“Grandes filósofos; desde Heráclito e Platão até Descartes, Spinoza, Leibniz, Kant, Fichte, Schelling e Hegel, sem falar dos filósofos hindus” (BAKUNIN, 2011, p. 43).

Todos esses filósofos, segundo Bakunin, escreveram “densas brochuras” tentando resolver o “mistério de Deus” e todos só conseguiram deixar mais inexplicável do era o problema antes deles. Descobriram grandes conhecimentos, segundo o filósofo, e falaram “passagens belíssimas”, porém tudo permeado pelo sentimento religioso. Eles foram, para Bakunin, os grandes gênios da humanidade, do pensamento universal, mas ainda para o autor, eles teriam sido muito mais úteis se não estivessem contaminados pelo sentimento religioso. Bakunin, não despreza a genialidade de todos esses, pensadores e reformadores, mas percebe que eles tiveram como ponto de partida para seus pensamentos e ações a ideia de divindade, o que implica na afirmação da incapacidade de homem para a justiça, para a liberdade, fazendo dele um nada. Na verdade como veremos, nem mesmo esses considerados grandes gênios da humanidade, não poderiam desconfiar que foi o espírito humano quem criou deus, e dessa forma, a religião passou a fazer uma parte integrante, se não a mais importante da moralidade e conduta. O que certamente sempre acarreta algumas implicações efetivas no plano político e social.

## 5- A religião na vida social da Antiguidade.

Algumas das consequências políticas e sociais da crença em divindades, que Bakunin diz, é que inclusive o Deus dos judeus, e todos os deuses de qualquer mitologia na antiguidade em diversos locais do mundo, eram deuses exclusivamente nacionais, e que ao adorá-los adorava-se ao Estado. E a moral ensinada por suas religiões era a da salvação, grandeza e glória do Estado. Aí também está se tratando do que os antigos entendiam por liberdade e moralidade, e o que eram estas mesmas para as suas religiões. Vamos para uma citação de cada um desses dois textos que tratam desse assunto. Aponta-nos Bakunin, em *O princípio do Estado*:

“[...] deveríamos renunciar a este sonho magnífico para cair na estreiteza moral da Antiguidade, que ignora até mesmo o nome Humanidade, a ponto que todos os deuses foram deuses exclusivamente nacionais, acessíveis unicamente aos cultos privilegiados[...]” (BAKUNIN, 2008, p. 29).

Sobre este mesmo assunto em *Deus e o Estado*:

“Os deuses pagãos — e aí está o seu caráter principal — eram antes de tudo, deuses exclusivamente nacionais” (BAKUNIN, 2011, p. 108).

Como a moral das religiões antigas eram a de adoração e exaltação do Estado, em decorrência, todos deviam abdicar-se de sua liberdade individual, e sacrificar-se pela coletividade. Vemos o inverso no cristianismo, e esse é o principal erro dos sistemas morais ensinados durante a História, segundo Bakunin é o de terem sido ou uma moral exclusivamente “socialista” ou de terem sido uma moral exclusivamente individualista. Moral é aqui entendida literalmente como regras de convivência social. Nas religiões antigas do Oriente, no Egito, as crenças dos fenícios e a dos assírios, a divindade no geral, sempre se afigurava como uma noção de manifestações terríveis, dignas de uma espírito “déspota” e “esmagador dos homens”. Estas são algumas das primeiras religiões, e que depois influenciaram, como dissemos, o culto dos gregos. Isto vem para confirmar a concepção de que o politeísmo é a religião do medo, para Bakunin, tal como nos esclarece Arvon, ao afirmar: “[...] o fetichismo deve ter sido a primeira religião, a de todas as hordas selvagens, ou seja, as que menos afastadas do estado de Natureza. O fetichismo não é mais do que a religião do medo” (ARVON, 1971, p. 180). Bakunin chama essas religiões antigas do Oriente de religiões “panteístas do Oriente”, e da sucessão desse



panteísmo é que tem origem o Politeísmo. O panteísmo dessas religiões, segundo Bakunin, é devido às religiões naturais da Antiguidade.

Nestes dois textos Bakunin faz uma análise dos deuses dessas religiões antigas, nos dois textos inclusive em algum dado momento toma a Grécia antiga como exemplo, em sua exposição para explicar melhor sobre como funciona esse sistema de crença. Como já foi dito, acerca de suas características e seus atributos, por séculos e séculos se permaneceu nesse politeísmo que teria se estabelecido de caráter moral unicamente “socialista”, las personas sacrificavam-se a elas mesmas, suas liberdades individuais às divindades e seu culto simbolizava o culto do Estado. Essa adoração nas religiões antigas sempre apoiou a “moral do Estado”, que é uma transformação da “moral divina”. Para falar novamente da Grécia antiga:

“O Olimpo, imagem da federação das cidades gregas, é um tipo de República fracamente governada pelo pai dos deuses, Júpiter, que, ele próprio obedece os decretos do destino” (BAKUNIN, 2008, p. 49)

Esta citação também realça que todas as cidades gregas tinham e se orgulhavam em ter seu próprio “deus-tutelar”, e seu próprio culto ao deus padroeiro de sua Cidade-Estado, assim como que os próprios deuses, que seriam os “poderosos”, eles não podem lutar contra o “destino”. Os deuses das mitologias criadas pelos poetas, afirma o filósofo não tinham um caráter absoluto, muito mais se assemelhavam ao caráter mortal, pelo fato de que eles representam apenas uma parte do homem ou da natureza. Sendo assim, para Bakunin, nessa pluralidade de deuses, cada deus tinha um caráter próprio e eles se completavam. Com o passar dos séculos essas crenças e hábitos se enraízam na sociedade, e fica muito mais cristalizado e inquestionável após séculos de especulações metafísicas.

## **6- Antiguidade e Universalidade de uma crença não atestam nenhuma verdade.**

Bakunin deixa evidente, que um dos argumentos que passaram a ser utilizados para defender a ideia de divindade por parte de muitos religiosos, é dizer que é algo tão antigo e que todos os povos ao longo da História, inclusive nos dias atuais é quase que universalmente aceita essa ideia. Ou seja, estamos tratando do argumento de que a antiguidade e a universalidade de uma crença são, como diz Bakunin as provas mais “vitoriosas” da verdade de uma crença, seja religiosa ou científica. É por isso que, Bakunin, utiliza-se da mais rigorosa lógica e da experiência histórica para expor os seus propósitos, tal como observou Capi Vidal em seu artigo “Actualidad del ateísmo de Bakunin” quando afirma: “El anarquismo y el ateísmo de Bakunin se producen, con lógica, de forma conjunta; se trata de la renuncia a toda teología religiosa y política, a la Iglesia y al Estado, ambas instituciones centralistas y trascendentes”<sup>16</sup>.

Depois de muitos séculos de especulações mitológicas, espirituais e metafísicas sobre a ideia de divindade, aponta Bakunin, que esses teóricos da “ideia de deus” abandonaram a demonstração teórica da existência de deus e passaram a só utilizar-se de explicações que, podemos chamar, de pragmáticas e de cunho moralista. Até este ponto de alienação em que não se dúvida mais da existência de divindades, seja a do Deus judaico-cristão, seja os dos cultos politeístas. E para Bakunin, esses teóricos equivocam-se e tratam a isso como algo que é atestado como verdade por ser quase que “universalmente” aceito, e por ser algo muito antigo e que praticamente todas as nações da Terra acreditaram e acreditam. Isto que na verdade é um absurdo e que só faz sentido, tal como constatamos no pensamento de Bakunin, somente na lógica desses teóricos religiosos ou pensadores espiritualistas. Eis como, o Libertário, aborda este aspecto e os critérios que passaram a se utilizar aqueles que fazem a defesa das “ideias divinas” com o intuito de fazer da ideia de divindade uma verdade inquestionável. Diz Bakunin, em *Deus e o Estado*:

“para esses pensadores e para a sua lógica, pois o consentimento geral, a adoção universal e antiguidade de uma ideia foram sempre consideradas como a prova mais vitoriosa de sua verdade” (BAKUNIN, 2011, p. 48).

---

<sup>16</sup> Capi Vidal. “Actualidad del ateísmo de Bakunin”

Vimos que, para Bakunin, a antiguidade de uma tradição não a torna válida, pelo contrário os tornariam até mais dúbio. De acordo com Bakunin, quanto mais antiga é uma crença, isso não faz com que ele seja mais inquestionável, isso faz com que ela seja mais dúbia, isso confirmado por Bakunin diz, nos seguintes termos: “Bem, a religião é uma loucura coletiva, tanto mais poderosa por ser tradicional e porque sua origem perde-se na antiguidade mais remota” (BAKUNIN, 2011, p. 107). Os religiosos se usam desses argumentos para dizerem que a totalidade dos homens não poderia se enganar em sua convicção.

Para o filósofo, isso só mostra o aspecto semelhante que há na natureza humana em qualquer local do mundo, e em toda a história, não que eles descobriram uma verdade indubitável. Além de que esses argumentos tentam fazer com que essa ideia de divindade seja vista como algo que está inerentemente em nossa natureza, e que por estes motivos não devemos nem sequer duvidar, até porque todos os povos e em todos os tempos da História até os dias atuais se acreditou na ideia de divindade. Assim, aponta Bakunin, como era de se esperar que as poucas exceções que duvidam dessas crenças, são tidas como monstros e pessoas cruéis, por questionarem algum ponto dos dogmas ou porque não dão assentimento ao absurdo divino. Essas pessoas sempre foram tidas como anomalias, monstros cruéis e, desse modo, foram sempre maltratadas e isoladas da sociedade. Sobre o isto, de quanto mais antiga é uma crença tanto mais duvidosa ela é, confirma Alex Bonomo, quando diz do pensamento de Bakunin as seguintes palavras:

“Ele acreditava que toda a História do homem é seu afastamento progressivo da animalidade pela criação da Humanidade: a partir daí, a antiguidade das ideias, longe de mostrar o seu acerto, a torna, pelo contrário, suspeita.” (BONOMO, “Introdução”, in: Deus e o Estado. 2008, p. 15)

Essas “provas” dos religiosos e filósofos espiritualistas, a quem Bakunin chama por vezes de “idealistas”, são demasiado insuficientes perante a ciência e a lógica, já que se baseiam simplesmente na concepção de que se uma ideia e uma crença é muito antiga e sempre foi seguida, então ela é inquestionavelmente verdadeira e sagrada, etc. De acordo com Bakunin, para se dar assentimento a qualquer crença ou religiosidade, deve-se abdicar da ciência, da lógica, ainda para o autor, a ideia de divindade implica na abdicação do que chama de “razão” e “justiça humanas”. Como veremos na próxima seção, isto é característico de todas

as religiões, e o principal fator é a “negação da Humanidade”. Porém os religiosos e filósofos espiritualistas e idealistas, apresentam-nos essas “provas” como provas cabais e irrecusáveis de verdade. Muitos filósofos ilustres também quiseram dar suporte a essa ideia, embora seja sobre tal maneira evidente que a antiguidade e universalidade de uma crença não atestam a sua veracidade. Bakunin nos aponta um dos maiores erros históricos que no passado era tratado da mesma forma, que parecia-se que fosse uma verdade tão antiga, tão universal, logo tão verdadeira, veja as palavras de Bakunin:

“Até o século de Galileu e de Copérnico, todo mundo acreditava que o Sol girava em torno da Terra. Todo mundo não estava errado? O que há de mais antigo e universal do que a escravidão?” (BAKUNIN, 2011, p. 49).

Pela mesma linha de raciocínio, Bakunin nos conduz a ver que em todos os povos e em todos os tempos sempre houve trabalhos forçados, escravidão e coisas do gênero. E nem por isso se deve falar, segundo Bakunin com certeza não, que isso seja algo natural nos homens. Assim como as teorias astronômicas do geocentrismo que foram aceitas desde a Antiguidade até o período medieval, quase que moderno e o mesmo segue para a crença na ideia de divindade. Essa Astronomia já ultrapassada por ser amplamente equivocada, por mais que seja bem estruturada, que fosse antiga e tenha o consentimento universal, não fará com que os fatos objetivos se alterem. Ou seja, mesmo que todos acreditem que o Sol gira em torno da Terra e seja uma crença milenar, isto não faz com que o Sol gire em torno da Terra, o erro não se converterá em verdade. Essas teorias acarretam muitos erros, sobretudo em seus pontos fundamentais e todos tinham a convicção de que era a Suprema Verdade.

Assim como em todos os tempos até os dias de hoje, todos os tipos de religiosos e filósofos espiritualistas, de acordo com Bakunin, sejam pagãos de qualquer tempo e em qualquer região do mundo, sejam nas religiões da tradição judaico-cristãs, sejam os pensadores espiritualistas tem a convicção na existência de alguma (s) divindade(s) suprema, ordenadora, sobrenatural, tem a convicção de veracidade da ideia de divindade. E, para nosso autor, todos têm cometido e repetido o mesmo erro historicamente. Portanto, chegamos no ponto que nos torna pertinente tratarmos de algumas características que, segundo Bakunin, fazem parte do que seria a essência de toda religião. Pois, todas elas estiveram mergulhadas em algumas ideias que são similares e intrínsecas as crenças em divindades.

## 7- A essência de toda religião

Apesar de Bakunin mencionar diversas tradições culturais no tocante da religião, o autor procura fixar os pontos eminentemente em comum de todas essas crenças. Em consequência, entramos na parte em que Bakunin diz o que é, a essência de toda e qualquer religião. Uma das características que Bakunin observa como existente em todas as religiões, é que quando surge a divindade quando alguma ou muitas divindades são adoradas, é neste mesmo momento e daí em diante que o “homem aniquila-se”. Além disso, outro ponto núcleo para compreendermos as religiões, para o filósofo russo, é que todas as religiões são sanguinárias, e tem por culto principal o sacrifício, e todavia, toda religião quer sacrificar a humanidade para cessar o furor da divindade, ou para simplesmente agradá-la. De uma maneira mais clara, os homens sempre foram e ainda são assim, para Bakunin, e toda crença em entidades sobrenaturais resultam que quanto mais se respeita “o divino”, tanto mais eles “desprezam a humanidade” e o que há de humano nela, conforme Bakunin:

“Todas as religiões são cruéis, todas são fundadas sobre o sangue, visto que todas repousam principalmente sobre a ideia de sacrifício, isto é, sobre a imolação perpétua da humanidade à insaciável vingança da divindade.” (BAKUNIN, 2011, p. 56).

Isso é o que, de acordo com o libertário, qualquer religião faz, tanto as antigas, quanto depois as religiões monoteístas e, de acordo com ele, ao se adorar o divino sempre se desprezará os homens. Deste modo, os deuses pagãos, ou o Deus judaico-cristão, a divindade sempre se afigurará um espírito senhor, regulador e absoluto, e o homem o eterno escravo, que tem uma servidão ao divino semelhante à um cão na presença de seu dono. Não havendo espaço para esta combinação, Deus e Liberdade. Assim como quanto mais espera-se em qualquer divindade o paraíso, ou morada celeste, mais os homens fazem a Terra ser um inferno, segundo Bakunin, como também observou Henri Arvon:

“[...] donde resulta que Deus é o espoliador absoluto, e que sendo o antropomorfismo a própria essência de toda religião, o Céu, mansão dos deuses imortais, não passa de um espelho infiel que volta a enviar ao homem crente a sua própria imagem invertida e aumentada (...). Ao efectuar esta transformação, ela altera radicalmente a natureza destes poderes e destas qualidades, falseia-os,

corrompe-os, ao dar-lhes um sentido diametralmente oposto ao seu primitivo sentido (...). É assim que o respeito do céu se traduz em desprezo pela Terra e a adoração da divindade em descrédito pela humanidade” (ARVON, 1971, p. 173-174).

Dessa forma, as religiões nos ensinam um sistema de moralidade que é visto por ele como anti-humano, que para Bakunin, é uma “moral divina” e não “humana” onde os homens sacrificam-se em prol da divindade, onde os homens não é nada e a divindade é tudo, onde só ensina-se que a divindade tem todos os atributos positivos, e em um grau infinito e o homem será sempre o seu inverso mais radical. Nela só se aprende, de acordo com o pensador revolucionário, o “respeito à autoridade e a divindade” e o “desprezo pela humanidade e pela liberdade”, a sugestão do autor é que passemos a inverter esta ordem para uma “moral humana”, que despreze a “autoridade e a divindade” e respeite e incentive a “humanidade e a liberdade”.

Sobre isso ainda, Bakunin afirma que os religiosos que creem em algo divino, atribuem a esta (s) divindade (s) todas as características humanas que são belas, admiráveis, ou consideradas solidárias, aumentando-as em um grau infinito, eis aí os traços distintivos dos seres ou Ser divino. Este tipo de concepção, segundo o autor, é como se “reconhecesse implicitamente” como se as qualidades, bom, benéfico, justo, grande, belo, só pudessem aparecer na humanidade se por uma inspiração e influência divina, e que a natureza humana, é baixa, feia, iníqua. É por isto mesmo que, para Bakunin, querer atribuir tudo o que há de positivo e benéfico na humanidade à algo divino, é rebaixar a humanidade de tal modo que, segundo ele, é o mesmo que afirmar que a humanidade seria incapaz de produzir tal bem, ou executar ações benéficas para os outros por si próprios. Em suas palavras:

“Proclamar como divino tudo o que se encontra de grande, justo, de real, de belo na humanidade, é reconhecer implicitamente que a humanidade, por si própria, teria sido incapaz de produzi-lo; isto significa dizer que, abandonada a si própria, sua própria natureza é miserável, iníqua, vil e feia. Eis-nos de volta a essência de toda religião, isto é, a difamação da humanidade pela maior glória da divindade” (BAKUNIN, 2011, p. 69).

Quando surge a divindade, ela deve ser tudo, deve ser idolatrada, ela deve ser vista como a perfeição, o amor, a justiça, a bondade, entre outros atributos em grau infinito. E o homem deve ser o difamado, o iníquo, o incapaz, entre outras coisas. Bakunin nos diz isto com

clareza, nas obras *Deus e o Estado* e *O princípio do Estado*. Após ter criado a divindade, o homem nesse passar dos séculos a colocou como criadora, legisladora, a razão infinita e absoluta, e o próprio homem se autoproclamou nada. O filósofo anuncia o “prelúdio” da manifestação da ideia de divindade na Terra, e seu efeito aniquilador do homem e ainda lança um dilema que coloca os “idealistas” em geral, para os devotos da ideia de divindade colocando-os em uma situação difícil de “escapar”:

“Eis que chegamos à manifestação de Deus sobre a Terra. Mas tão logo Deus aparece, o homem aniquila-se. Dir-se-á que não se aniquila, visto ser ele próprio uma parcela de Deus. Perdão! Admito que a parcela de um todo determinado, limitado, por menor que seja essa parte, seja uma quantidade, uma grandeza positiva. Mas uma parcela do infinitamente grande, comparada com ele, é infinitamente pequena. Multiplicais bilhões de bilhões por bilhões de bilhões, seu produto, em comparação ao infinitamente grande, será infinitamente pequeno e igual à zero. Deus é tudo, por conseguinte o homem e tudo o mundo real com ele, o universo, nada são. Vós não escapareis disso.”. (BAKUNIN, 2011, p. 89).

O dilema se baseia numa proporção matemática, lógica e ontológica, embora também seja profundo e lembra-nos a conjectura do diálogo *Parmênides* de Platão, embora dotado de verdade, podemos dizer, por se tratar de proporções matemáticas, que estão no âmbito daquelas que podem ser teorizadas. Ele não nega que cada coisa por menor que seja, admitindo a ideia de divindade, que ela seja algo, por isto afirma que o mais infinitamente pequeno é uma “quantidade positiva”, ou seja, é algo, porem em comparação com o infinitamente grande -- e a divindade da ideia dos que creem é o infinitamente grande – não são nada. Este é um argumento mais sofisticado para afirmar que ao dar assentimento e adorar às divindades (o irreal), então se nega, e despreza a humanidade e o mundo (o real). Por fim, por mais que se queira atribuir características amorosas, ou bondosas à divindade, se se acredita em Deus ou deuses, então para estes, a divindade é tudo, e os seres humanos e o mundo real são nada. Na verdade, para Bakunin, as divindades não são nada, ou seja, Deus é o nada absoluto, pois ele não existe, sua existência não é nem real e nem mesmo espiritual, imaterial, sua existência é apenas, mental, isto é, está apenas na mente, e na ideia das pessoas.

Com isso, O filósofo aponta, qual foi sempre o efeito próprio da religião, reafirmando o que foi acima dito:

“Deus aparece, o homem aniquila-se; e quanto maior torna-se a divindade, mais a humanidade torna-se miserável. Essa é a história de todas as religiões; esse é o efeito de todas as manifestações e de todas as legislações divinas. Na história. O nome de Deus<sup>17</sup> é a terrível clava com a qual os homens diversamente inspirados, os grandes gênios, abateram a liberdade, a dignidade, a razão e a prosperidade dos homens.”. (Id. Ib. p. 89).

Para Bakunin, a religião é loucura coletiva, tudo o que os homens religiosos e filósofos espiritualistas dizem que o que é a divindade, o homem será sempre o inverso mais radical, assim como para tudo que se diz sobre o Céu, o Paraíso, as recompensas celestes sempre será da mesma forma, na Terra o seu inverso mais radical. Essas são algumas de suas consequências práticas que são fatais e inevitáveis:

“É o que denominamos de ficções religiosas; a cada uma dessas ficções corresponde, sabemos-lo muito bem, alguma realidade monstruosa; assim o amor celeste nunca teve outro efeito senão o ódio terrestre; a bondade divina nunca produziu senão o mal, e a liberdade de Deus significou a escravidão aqui embaixo” (BAKUNIN, 2008, p. 48).

Ao estudarmos estes textos, vemos que para, as religiões têm por principal traço o antropomorfismo, e que desde os homens primitivos eles adoraram-se em seus deuses, e que também as religiões dos dias de hoje, a oficial é o cristianismo, não passam da adoração do seu “Eu exaltado”, divinizado e imortalizado. À partir daí passa a ser atribuído à divindade todas as qualidades positivas, “Bondade”, “Justiça”, Sabedoria, Poder, não só simplesmente isso, mas todas essas características em grau infinito. Entre esses deuses pagãos, por exemplo, os da mitologia grega, um representava o que é bondade, outro o que é maldade, e assim por diante, ou seja, não havia uma contradição lógica ainda maior que só existe no Deus das religiões judaico-cristãs, que é a de ser um Deus uno e que ao mesmo tempo é “Bondade” e “Maldade”, “Beleza” e “Feiúra”, que é o “Ódio” e o “Amor”. Os deuses dos poetas ainda não eram a negação absoluta do real, mas sim segundo Bakunin, o seu exagero fantástico. Para uma

---

<sup>17</sup> É importante lembrar que na obra de Bakunin, em diversos momentos há uma confusão semântica entre os termos “Deus” para designar todo o conjunto de divindades criadas pelos homens ao redor do mundo em cada momento histórico, e “Deus” para se referir especificamente ao Deus das religiões judaico-cristãs. Assim como o termo “Igreja”, na maior parte das vezes se utiliza desse termo, no sentido de religião, para se referir à todas as religiões conhecidas pela humanidade em cada tempo histórico. Em outros momentos, utiliza-se do “termo “Igreja” de modo específico, se direcionando às igrejas católica, e/ou protestante.



consideração decisiva sobre o tema das religiões antigas e da essência das religiões, vamos para mais uma citação de *O princípio do Estado* que mostra como a ideia de divindade, e a adoração à divindade, tem por consequência a negação do que há de humano em si e nas demais pessoas. Afirma o autor:

“Após ter divinizado o seu próprio EU nesse estado de abstração ou de vazio absoluto, ajoelhou-se diante dele, adorou-o e proclamou-o a causa e autor de todas as coisas; foi o começo da Teologia.”. (BAKUNIN, 2008, p. 47).

Em seus argumentos, Bakunin, tenta o mais severamente respeitar e utilizar-se da Lógica, sendo assim põe fora de dúvida que as consequências lógicas qualquer crença religiosa são estas. O sacrifício da humanidade, a abdicação da ciência e da lógica são algumas das principais consequências práticas e lógicas destas crenças, que na verdade são todas nocivas, são a própria degradação e sacrifício da humanidade, e seu afogamento no absurdo e na animalidade sem saída. O “veneno” e imolação” da humanidade que são próprios da religião, Arvon nos diz com relação a isto, a visão que Bakunin tinha sobre o “amor divino”, que para o autor seria uma das principais causas de nossa escravatura. Tal como quando afirma Arvon:

“O amor verdadeiro, real, expressão de uma necessidade mútua e igual, não pode existir senão entre iguais. O amor do superior pelo inferior é o esmagamento, a opressão, o desprezo (...). Uma grandeza fundada no rebaixamento de outrem. O amor do inferior pelo superior é a humilhação, os terrores e as esperanças de um escravo que espera de seu senhor tanto a desgraça como a felicidade.

Tal é a natureza do chamado amor de Deus pelos homens e dos homens por Deus. É o despotismo de um e a escravatura de outros.”. (ARVON, 1971, p. 177).

Todos os líderes religiosos, também os líderes políticos, e ainda pior, para Bakunin, se fora uma mesma liderança, de um mesmo líder religioso e político. Todos esses sacrificam (imolam) o povo. Tanto em um sentido literal, de matar e com a violência, quanto em um sentido “figurado” tirando a liberdade, o privando do conhecimento científico, entre outras coisas, forçando ao máximo as pessoas a se manterem em uma animalidade sem saída.

Tendo entendido qual a crença em divindades e em qualquer tipo de religiosidade, tem por consequência inevitável afirmar a completa incapacidade do homem, de ele próprio poder guiar-se, a incapacidade completa também de conhecer e compreender as coisas,

incapacidade de tomar decisões justas, de agir com justiça. Ao aderirmos e ao darmos acepção a qualquer crença, como já dito, para Bakunin necessariamente a pessoa se abdicar da ciência, razão, lógica e justiça. Bakunin afirma que somente os partidários da escravatura é que dão concessão a qualquer tipo de religião, os que se preocupam com Deus e o divino, sempre só ficarão somente na preocupação do Deus, das coisas abstratas e eternas, e nunca se voltarão para a realidade e o convívio social e natural que está ao seu redor.

## **8- Referências bibliográficas**

### **Mikhail Bakunin:**

BAKUNIN, M. *Deus e o Estado*. Tradução: Plínio Coelho. São Paulo: Hedra, 2011.

\_\_\_\_\_. *O Princípio do Estado e outros ensaios*. Tradução: Plínio Coelho. São Paulo: Hedra, 2008.

\_\_\_\_\_. *Socialismo, Federalismo e Antiteologismo*. Tradução: União Popular Anarquista (UNIPA). Rio de Janeiro, 2012. In:  
[http://uniaoanarquista.files.wordpress.com/2012/09/sc3a9rie\\_bafsat.pdf](http://uniaoanarquista.files.wordpress.com/2012/09/sc3a9rie_bafsat.pdf)

### **Crítica:**

ARVON, H. *Bakunin: ou a vida contra a ciência*. Tradução Franco de Sousa. Lisboa: Ed. Estudio cor, 1971.

CAPPELLETTI, A. *Bakunin y el Socialismo Libertário*. Cidade do México: Leega/Minerva, 1986.

### **Bibliografia Complementar:**

BONOMO, A. “Introdução”, in: *Deus e o Estado*. São Paulo, 2008.

VIDAL, C. “Actualidad del Ateísmo de Bakunin”. In:  
<http://reflexionesdesdeanarres.blogspot.com.es/2012/10/actualidad-del-ateismo-de-bakunin.html>.

LEIER, M. *Bakunin: The Creative Passion*. New York, 2006, Ed. Thomas Dunne Books.

LEVAL, G. *Bakunin, Fundador do Sindicalismo Revolucionário*. Tradução: Plínio Coêlho. Ed. Imaginário. São Paulo, 2007.

FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. Tradução: José da Silva Brandão . Ed. Vozes. Rio de Janeiro, 2007.

MARX. K. *O Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: . Ed. LSPM. São Paulo, 2007.

---

\_\_\_\_\_. *A Ideologia Alemã*. Tradução: Marcelo Backes. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2007.

## 9- Nota do autor

Minhas pesquisas acerca do anarquismo vem de antes de iniciar minha graduação em filosofia<sup>18</sup>, assim como os conhecimentos que adquiri sobre o assunto todos eles foram pela via do autodidatismo, e a universidade nada acrescentou a esta área do saber, com os “sábios oficiais”<sup>19</sup> aprendi técnicas de leitura e interpretação. No decorrer de minha graduação, notei que seria possível desenvolver minha iniciação científico em Bakunin, desde aí, me aprofundi completamente no assunto e desenvolvi o presente texto e outros.

O presente trabalho, tornou-se a primeira parte de um futuro livro, se as condições permitirem. A segunda parte do trabalho está em desenvolvimento, por isto mesmo não foi publicada, nela completarei à esse tema, e acrescentarei a outro relacionado. No entanto, é necessário que nesses comentários finais, sejam dadas algumas considerações com relação às concepções mais importantes de Bakunin e da relevância de sua filosofia.

O estudo do pensamento bakuniniano é negligenciado e deixado de lado, pela ignorância de muitos filósofos que não o conhecem e nem sabem do que se trata. E mesmo muitos que lêem alguma obra de Bakunin, consegue compreender a linha de raciocínio de sua revolta, no entanto, sua visão sobre os fenômenos, sociais, naturais, políticos e econômicos, assim como com relação a suas críticas ou elogios a certos filósofos, é algo muito mais complexo do que a primeira vista pode nos parecer. Por exemplo, elucidar sua concepção de ateísmo, de anti-estadismo, de educação e ciência, assim como os outros assuntos que trata, é uma tarefa complexa e que é necessário muita dedicação, pois, sua teoria, em todos estes aspectos citados, está difundida em diversos escritos, e por fim, todos eles são consonantes uns com relação aos outros, formando, embora não pareça, um sistema. Se não se conhece alguns desses aspectos, torna-se muito difícil explicar o outro ou outros, em toda amplitude tratada pelo pensador russo. Apesar dessa complexidade, de certo modo, implícita na obra de Bakunin, seus escritos são claros e ele esquivase de termos abstratos ou de argumentos retóricos e complexificados.

---

<sup>18</sup> A qual concluí em Dezembro de 2014, em São Paulo

<sup>19</sup> Termo que Bakunin se usa para designar os professores universitários e boa parte dos cientistas. Outras vezes, com relação aos professores universitários, os chamam de “sacerdotes do Estado”.

Esta dificuldade existente em compreender a obra de Bakunin, e também a intenção em difamar sua imagem e a do movimento anarquista, é o que faz com que pessoas digam que ele não passava de um panfletário, ou que não há conceitos no seu pensamento e escritos, assim como alguns exaltam apenas seus feitos práticos como se seu pensamento fosse de pouca significação. Há conceitos no pensamento de Bakunin, vemos claramente em sua exposição acerca da natureza e do mundo, assim como nos textos que faz exposição contra a autoridade, as classes dominantes, e ao Estado. Também com relação às religiões, há conceitos. É que certos conceitos de Bakunin são talvez diferentes e a academia ainda não aceitou como conceitos, por exemplo, um conceito que designa o Estado e seu funcionamento é o de “complô permanente” e “roubo organizado”, “organização do roubo”. Outros exemplos são os conceitos de “animalidade”, “humanidade”, “moral humana”, assim como o importante conceito “a questão social”.

Há uma unidade no pensamento de Bakunin, por isto mesmo, todo seu pensamento, sobre diversos aspectos, encontram bases e explicações que estão correlacionados, embora estejam em diferentes partes de diferentes escritos. Por exemplo, para compreender as afirmações de Bakunin com relação ao mundo social e sua proposta educacional, é necessário compreender o seu pensamento acerca do mundo natural. Assim como para entender seu pensamento sobre o mundo natural, é necessário compreender a defesa e crítica que faz da ciência, e seu ateísmo. Por sua vez, para compreender seu anti-estadismo, é necessário compreender sua concepção de mundo social, ateísmo... e por aí vai.

Este trabalho “Bakunin e a Gênese da Idéia de Divindade na Consciência dos Homens”, é um escrito que segue a todos os rigores acadêmicos e pode ser utilizado como base para novas pesquisas. Apesar disso, este escrito também é recomendado à todos que se interessam por filosofia no geral, sobre anarquismo, ateísmo, e também, obviamente, sobre o pensamento de Bakunin, independentemente de seu grau de instrução ou de sua área de atuação profissional. Espero que seja possível em tempos vindouros, que sejam publicados outros textos dos quais estive trabalhando no desenvolvimento.

Agradeço à todos que de algum modo se identificam com o conteúdo e/ou inicitiva deste trabalho

**São Paulo, 14 de Agosto de 2015.**

**O Autor**

[página em branco]